

Sepultado Anhaia Mello, fundador da Faculdade de Arquitetura

Constr
de es
Lito

O "velho" Anhaia, urbanista

ISAAC JARDANOVSKI

Muito antes de ser velho, ele já era "o velho Anhaia", o que no jargão politécnico era símbolo de "status", de admissão simultânea no coração dos alunos e no círculo restrito dos monstros sagrados da tradicional escola. Anhaia Mello defendeu tão bem essa sua posição, durante cerca de meio século, que hoje sua imagem apresenta-se bipartida entre a sua condição de grande professor, formador de gerações, e humanista do urbanismo, defensor incansável dos conceitos básicos de qualificação da vida urbana.

Antigo prefeito de São Paulo, numa época em que a cidade ainda conservava traços provincianos, a década de 30, pressentiu a natureza e a gravidade dos problemas que se aproximavam e voltou-se mais para o planejamento que para as realizações. Não se notabilizou por obras, não se fala em seus viadutos, pontes ou estradas. Sua contribuição foi mais intangível e muito menos compreendida; procurou evitar que se fizesse errado, defendeu conceitos, procurou institucionalizar o processo de planejamento, a partir da célula municipal até atingir o nível regional e nacional. Pode-se imaginar alguém falando contra o crescimento de São Paulo, nas décadas de 40, 50 e 60, em pleno "boom"? No coração da especulação imobiliária, brandindo armas suaves, no recesso das salas de aula, nas clássicas reuniões da Comissão Orientadora do Plano da Cidade, nos informais bate-papos com jornalistas ainda verdes — eu mesmo —, lá estava ele, o velho Anhaia, investindo contra moinhos que não eram de vento, como sabem hoje, um pouco tardiamente, quase todos os habitantes desta cidade.

Nos últimos 10 anos, não falou mais de São Paulo. Recusava-se. "Este problema não me interessa mais — confidenciou um dia. Esta cidade não tem mais salvação. Prefiro falar de São José dos Campos, que ainda pode tomar jeito". Não tomou. O problema da escala, com o homem de medida, era a sua grande preocupação. As cidades não deveriam ultrapassar os 100 mil habitantes, para manter a qualidade da vida; o ideal mesmo seriam os pequenos burgos, onde prevalece a solidariedade humana, as distâncias se medem a pé, o trabalho é personalizado, o verde tem presença assegurada, o automóvel é uma exceção.

Durante anos a fio, decênios seguidos, Anhaia Mello doutrinou. Muito mais ligado à filosofia européia de planejamento urbano, do que à escola norte-americana, que discretamente desprezava, Anhaia Mello criticava ao mesmo tempo o espraiamento e o crescimento vertical. Os conceitos básicos das "new towns" inglesas encontraram nele um ardente defensor, assim como todos os processos baseados na polinucleação das cidades, na contenção de seu crescimento, na descentralização urbana.

Socialismo humanizado, urbanismo humanístico, aparentes redundâncias, os conceitos básicos exigiram mesmo reforços. Anhaia defendeu como pôde a humanização do urbanismo, como purista.

"Está vendo aquela grande estrutura de concreto, ela é bela, enquanto estrutura. Todas as estruturas são geralmente belas, a fealdade começa a aparecer no acabamento".

Não deixaram que ele desse os seus acabamentos. Em 1957, revolucionou a cidade inspirando a chamada "lei das construções", um processo de tamponar a explosão de edificações, limitando o aproveitamento dos terrenos. Concebida como preliminar de um sistema de zoneamento urbano, ficou no que era até recentemente, várias vezes fraudada, como se acontecer com todas as iniciativas que se tomaram na área imobiliária.

Precursor consciente dos processos de defesa ecológica, das campanhas antipoluição, dos sistemas de qualificação da vida urbana, Anhaia Mello deve ter morrido descontente com a sua cidade, com os exageros de concreto, com a destruição dos verdes, com a balbúrdia do tráfego, com as "reversões" de temperatura, com o aumento da criminalidade, com a destruição de todos os marcos. Assim, se hoje alguém escoregar na Praça Roosevelt, ou chafurdar na lama da Paulista, como se tivesse levado um leve empurrão, não se assuste; é o fantasma do "velho Anhaia", fazendo comício nas suas áreas preferenciais de protesto.

O prof. Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello, fundador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, falecido anteontem, aos 82 anos de idade, foi sepultado ontem, às 12 horas, no cemitério da Consolação. O corpo foi velado na sala do Conselho Universitário, na Reitoria da USP.

Nascido a 23 de agosto de 1891, formou-se engenheiro arquiteto pela Escola Politécnica, aos 23 anos. Seu pai, Luiz de Anhaia Mello, fundou a Poli. Em 1926, passou a catedrático de Arquitetura e Urbanismo da Escola Politécnica.

Em 1930, dirigiu a Escola Politécnica, e, no ano seguinte, ocupou o cargo de prefeito de São Paulo. Em 1941, dirigiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Em 1948, fundou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, sendo seu primeiro diretor. O prof. Luiz Ignácio de Anhaia Mello voltou a dirigir a FAU em 1959, aposentando-se em 1961.

Em 1950, ocupou o cargo de vice-reitor da USP. Dirigiu, também, o Centro de Estudos e Pesquisas Urbanísticas, e foi presidente da Comissão de Construção da Cidade Universitária de São Paulo, em 1948.

Foi, ainda, vereador, na Capital, secretário da Viação e Obras Públicas do Estado, fundador e presidente da Sociedade Amigos da Cidade, presidente do Instituto de Engenharia, membro da Comissão Orientadora do Plano da Cidade e vice-presidente da

União Internacional de Arquitetos.

Publicou duas obras importantes: "O Problema Social dos Serviços de Utilidade Pública" (editada pelo Instituto de Engenharia e pela Prefeitura de São Paulo) e a monografia "O Recreio Ativo e Organizado nas Cidades Modernas".

Por ocasião de seu aniversário, em 1961, recebeu o título de doutor "honoris causa" pela USP e de "professor emérito" da Escola Politécnica. Ao aposentar-se, dirigia a FAU, o Centro de Estudos e Pesquisas Urbanísticas e lecionava na Escola Politécnica.

O prof. Luiz Ignácio Anhaia Mello, era casado com d. Melania Novaes de Anhaia Mello, com quem teve seis filhos, sendo dois já falecidos. Deixou os filhos: prof. José Luiz de Anhaia Mello, Antonio Luiz de Anhaia Mello, Maria da Conceição de Anhaia Mello Ferraz e Ana Virginia de Anhaia Mello.

O prefeito Miguel Colasuonno decretou luto oficial por três dias, pela morte do prof. Luiz Ignácio de Anhaia Mello.



Anhaia Mello foi prefeito de São Paulo durante a interventoria de João Alberto.



O corpo foi velado na Cidade Universitária. A esq., a viúva, d. Melania Novaes de Anhaia Mello.

Três colegas falam do mestre

Três arquitetos — Paulo Mendes Rocha, Vilanova Artigas e Fábio Pentead — dão seu depoimento sobre a obra do prof. Anhaia Mello, o amigo, o mestre, o prefeito, o conselheiro, o formador de novas gerações de arquitetos.

Para Paulo Mendes Rocha, que deu aulas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e foi também seu diretor, Anhaia Mello foi um dos mais brilhantes engenheiros de São Paulo.

"Era realmente o tipo do líder da classe, professor incomparável e extremamente respeitado por todos." Em momento algum de sua vida, deixou de manifestar seu respeito e entusiasmo pela profissão de arquiteto. Era, principalmente, um líder da mocidade, capaz de transmitir com muita força todo o amor pelo que fazia e deveria ser feito".

"Leal, austero e extremamente fiel às suas ideias, tinha um prestígio excepcional. Pensava permanentemente no progresso do urbanismo e tinha enorme capacidade de adaptação às modificações da arte e da Arquitetura. Além disso, uma virtude rara entre engenheiros: era um grande orador e debatedor incansável."

O EDUCADOR

"Não sei como falar desse admirável homem que esteve à beira da prancheta até os últimos dias de sua vida. Não sei se falo do educador, do administrador, do instituidor do urbanismo ou do trabalhador incansável, pois tudo isso ele foi." Vilanova Artigas, fala do prof. Anhaia Mello.

"Lembro-me dele sempre que mais me emocionou e tocou particularmente

— não como indivíduo Vilanova Artigas, mas como representante, como me julgo poder ser, de toda uma geração de arquitetos que foram seus alunos na Politécnica, no antigo curso de Arquitetura, do qual se originou a atual Faculdade, que ele fundou."

"Anhaia Mello nunca foi um professor simplesmente interessado na formação do arquiteto, mas naquilo, tão raro nos mestres, e próprio dos grandes mestres, que é saber ser um educador. Sua recordação é, para mim, extremamente cara. Foi ele quem nos instruiu como arquitetos e urbanistas e quantas vezes, a partir do noticiário dos jornais: como que ansioso para modificar tantos aspectos que nos constrangem, em nossa realidade."

Para Vilanova Artigas, o prof. Anhaia Mello teve o inestimável mérito de despertar o espírito crítico em seus alunos, ensinando-os também a procurar todas as soluções possíveis.

"Dentro da cultura vulgar que o velho mestre possuía, seus ensinamentos tiveram a maior repercussão, pois a sua própria maneira de viver já era, por si só, uma obra de arte."

"O verdadeiro papel de Anhaia Mello — diz Artigas — na história da Arquitetura e urbanismo paulistas não tem sido apreciado nos níveis em que julgo que deveria, mas a História, certamente, corrigirá o que for necessário."

O AMIGO

"Creio que a vida de trabalho do nosso velho professor — diz Fábio Pentead — tenha sido profundamente útil e uma das melhores coisas que já aconteceram nes-

se Estado, em termos de contribuição para a formação de mentalidades e de consciências, para nós todos, arquitetos dessa cidade, que hoje, se vivemos com muitas preocupações de sempre fazer o melhor, é muito a que ele devemos".

"Anhaia Mello enfrentou, durante toda a sua vida, as maiores dificuldades, por falta de diálogo, pois falava de coisas que os outros não entendiam, porque suas ideias sempre estiveram à frente das dos outros, mesmo nesse passado tão recente, em nossa cidade."

"Certamente, se tivesse havido um diálogo mais coerente, São Paulo seria muito melhor. Mas, para nós arquitetos daqui e do País, que continuaremos, também continua o mesmo desafio e, ainda que algum tempo tenha passado, permanece a mesma ausência de diálogo."

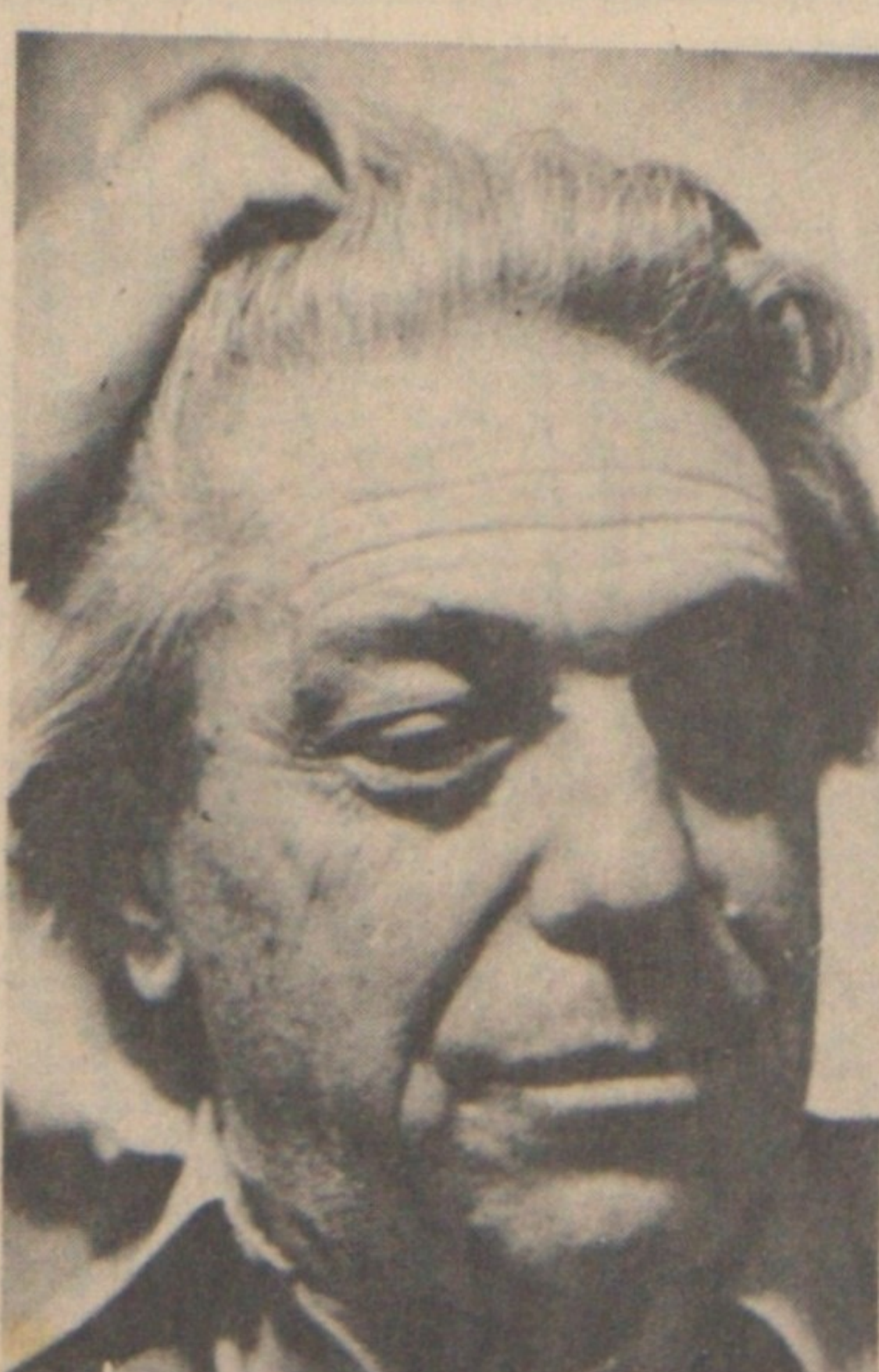
"Mesmo já não estando entre nós, a presença do velho Anhaia Mello sempre existirá e será um ponto de referência vivo, indicando o melhor caminho a seguir."

"Talvez, poucos tenham dado tanto, ainda que de forma despretensiosa e desinteressada; no entanto, a vida e o trabalho de Anhaia Mello serão sempre motivos de preocupação para nós todos, arquitetos, no sentido de nos atirar para o melhor, em termos de urbanismo."

"Creio que o trabalho dele poderia ter sido muito mais respeitado pelos que, em épocas passadas, tiveram a responsabilidade de governar a cidade. Se tivesse havido, como ele ansiava, maior diálogo de cultura, São Paulo poderia ser outra cidade, talvez com perspectivas mais otimistas para o futuro."



Paulo Mendes Rocha



Vilanova Artigas



Fábio Pentead